



OS MANUAIS DE INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E BRITÂNICOS NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

Anailza Guimarães Costa

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS)
Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS)

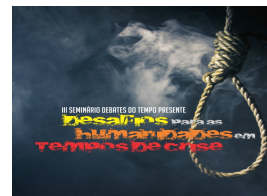
E-mail: anailza@getempo.org

ST 8 - Guerras, Extremismos, Terrorismo: questões para a atualidade

O objetivo deste trabalho foi analisar, em perspectiva comparada, manuais de instruções produzidos pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial, que tiveram como finalidade orientar os soldados sobre como deveriam se comportar frente ao habitante local. O primeiro manual, *Instructions for American Servicemen in Britain* foi produzido em 1942 a fim de instruir os soldados americanos enviados para lutar na Grã-Bretanha. O segundo, *Instructions for British Servicemen in France* de 1944, teve o propósito de orientar os soldados britânicos para ajudar na desocupação da França, invadida pelos alemães. Já o terceiro, *Instructions for American Servicemen in France During World War II*, também de 1944, teve a intenção de instruir os soldados americanos também enviados para França.

Além dessas documentações, buscamos analisar o manual¹ *112 Gripes about the French* produzido em 1945, que contém reclamações dos soldados americanos em relação aos franceses, trazendo respostas ou possíveis soluções. A partir disso, observamos este manual como um contraponto do *Instructions for American Servicemen in France* produzido um ano antes, em 1944, e pudemos analisá-lo como mais um suporte pedagógico, sendo um reforço de orientações já dadas aos soldados americanos com novas estratégias educacionais.

¹ Além do termo manual, utilizaremos “folhetos” e “livretos”, que quer dizer obra impressa de poucas folhas, geralmente em formato de capa-brochura.



Acreditamos que a partir destas análises, foi possível identificarmos estes folhetos como instrumentos educacionais para um projeto de formação militar pensado pelos Estados americano e britânico a fim de moldar o comportamento dos combatentes de acordo com as idealizações dos Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Analisamos os manuais como resultados de um conflito que foi para além da criação de novas armas com capacidade de destruição total, que se estruturou para fora dos campos de batalha, que teve extrema capacidade de mobilização material, com a característica da grande crueldade e da submissão absoluta do adversário, ou seja, o inimigo deveria ser rendido e combatido até o final (TOTA, 2011). Foi com essa prerrogativa, que tivemos um verdadeiro esforço de guerra, que explorou todos os campos, inclusive as ideias.

Os países envolvidos utilizaram o rádio, música, cartazes e o cinema. Os Estados Unidos criou personagens da *Disney*, como o *Pato Donald* e o *Zé carioca* em prol dos interesses norte-americanos de aproximar países na luta contra o Eixo². Os estadunidenses contaram com editoras para se especializarem em publicar livros para os soldados no *front*, como a *Armed Services Editions*. Cartazes mobilizavam mulheres, jovens e recrutavam soldados e trabalhadores.

Assim, foram observados que as ideias difundidas através da propaganda, assim como as armas e táticas militares, tiveram um papel de destaque na Segunda Guerra Mundial, ao criarem verdadeiras estruturas de combate ao inimigo. Em relação aos livros, Molly Guptill Manning (2015, p.12), diz que não se destinavam apenas para diversão, “também serviam como a principal arma para enfrentar a Guerra de ideias contra Hitler”.

Dentro desse esforço de guerra, surgiram os manuais de comportamento *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for British*

² Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foram formados dois grupos: os Aliados, compostos inicialmente pela Grã-Bretanha, União Soviética e França. Porém, após o ataque a base americana em Pearl Harbor em 1941, com a França já ocupada pelos alemães desde 1940, os Estados Unidos entraram na guerra, formando a Grande Aliança. O outro grupo, o Eixo, foi composto por Alemanha, Itália e Japão (TOTA, 2011).



Servicemen in France (1944), o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)* e o *112 Gripes about the French (1945)*, fornecidos aos soldados americanos e britânicos na Segunda Guerra Mundial. Trabalhamos com cópias fac-similares, as duas primeiras, como já dito, adquiridas no *Imperial War Museum* da Inglaterra e as duas últimas, junto a livrarias dos Estados Unidos.

Conforme diz Antoine Prost (2014, p.75), “não existem fatos, nem história, sem um questionamento”. Partindo desse pressuposto, nessa pesquisa, procuramos responder as questões norteadoras: Qual a intenção e por que os Estados britânico e norte-americano criaram manuais de instruções comportamentais para os soldados? Que tipo de soldado estava sendo educado naquele contexto? Quais as estratégias educacionais utilizadas pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha para a educação do soldado nos manuais?

Para análise desses folhetos, utilizamos o método da História Comparada. Temos sociedades diferentes, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, com algumas analogias e próximas no tempo (1942-1945). Neste trabalho identificamos as semelhanças e também as diferenças nos manuais, pois, “sem analogias, e sem diferenças, não é possível se falar em uma autêntica História Comparada” (BARROS, 2007, p.11).

Nesta pesquisa usamos Marc Bloch como principal aporte metodológico. Bloch foi um dos pioneiros e um dos principais defensores da abordagem comparada e fez críticas aos historiadores que se dedicavam exclusivamente à história nacional. Bloch (1992) ainda definiu dois tipos possíveis de comparação: 1) Aquela que apresenta similaridades entre os fatos observados, ou seja, estudar sociedades separadas no tempo e no espaço por distâncias; 2) Estudar sociedades às vezes vizinhas e contemporâneas, constantemente influenciadas umas pelas outras. Detivemos nossas análises neste segundo tipo de comparação, escolhemos sociedades próximas, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, num mesmo contexto histórico, a Segunda Guerra Mundial.

Nessa perspectiva, utilizamos a História Comparada Problema, defendida por Marc Bloch. Temos um problema comum, como os Estados norte-americano e britânico pensaram um projeto de formação militar, perpassado em mais de uma Faculdade Pio Décimo/Universidade Federal de Sergipe - 25 e 26 de abril de 2018



realidade de estudo, ou seja, diferentes países. Assim, procuramos aplicar a História Comparada Problema, observando as singularidades e as possíveis influências de um manual sob o outro.

Nossos passos foram: a) conhecer os manuais em sua totalidade, observando o conteúdo e as características físicas de cada um; b) analisar as estratégias educacionais pensadas pelos Estados americano e britânico, observando suas diferenças e semelhanças; c) examinar a importância dos manuais como suportes pedagógicos; d) analisar quais imagens os britânicos e americanos almejavam transmitir ao seu aliado na guerra; d) observar as influências mútuas entre os manuais.

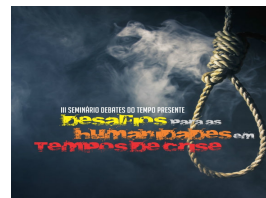
Provavelmente, quando falamos em manuais de guerra, imaginamos folhetos com instruções de combates e táticas militares para o *front* de conflito. Porém, os manuais estudados nessa dissertação, não continham instruções para utilizar um armamento ou como um combatente poderia se disfarçar para colher informações do inimigo. São, na verdade, ordens pensadas pelos Estados britânico e norte-americano de como os seus soldados deveriam evitar os atritos culturais com o habitante local e como poderiam permanecer unidos na guerra.

Como diz o manual britânico para soldados na França, “este livro não aborda nenhum tipo de assunto referente a operações militares. Ele trata apenas da forma de vida dos civis franceses e como você deveria se comportar com essa população” (THE POLITICAL WARFARE EXECUTE, 1944, p. 02)³. Já o folheto norte-americano para soldados na França afirmou que o objetivo foi dar uma ideia geral do país para o qual o soldado iria e servir de guia para o comportamento em relação à população civil⁴.

Assim, se tratam de ordens de comportamento dadas pelo Estado que os soldados deveriam seguir. Numa guerra de proporções mundiais, todos são convocados, o que incluíam civis que nunca haviam lutado num conflito ou que nem conheciam um país estrangeiro. Molly G. Manning (2015), diz que alguns soldados eram almas despreparadas e inexperientes, que tiveram de enfrentar uma combinação assustadora de

³ Do original: “This book has nothing to do with military operations. It deals only with civilian life in France and with the way you should behave to the French civilian population”.

⁴ Do original: “to give a general idea of the country concerned, to serve as guide to behavior in relation to the civil population”.



treinamento intensivo, instalações precárias e tédio, ou seja, precisavam lidar com uma realidade de restrições, destruições e com costumes e pessoas desconhecidas (MANNING, 2015, p.10).

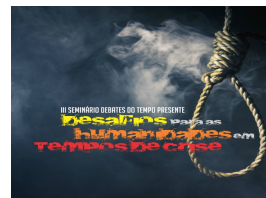
Tendo tido esse perfil de soldados em sua maioria e num conflito em que houve um verdadeiro esforço de guerra para derrotar o inimigo, os manuais foram criados pensando numa estrutura que fizessem os combatentes evitarem atritos com estrangeiros, conhecer a geografia, política, história, costumes, o entretenimento e cultura do país para o qual estavam sendo enviados. Não havia tempo a perder, um conflito se desenrolava na Europa, o que provavelmente explica um dos motivos deles serem curtos e objetivos, numa tentativa que todos lessem e entendessem suas ordens.

O destinado aos soldados norte-americanos na França, *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, o original chamado de *Pocket guide to France*, foi produzido pelo Departamento de Guerra em 1944. A cópia fac-similar que utilizamos foi publicada em 2008 pela Universidade de Chicago, com ISBN 978-0-226-84172-4. É no formato de capa-brochura, com 62 páginas, idioma em inglês, dividido em seis capítulos: “Por que vocês estão indo à França”, “O soldado norte-americano na França”, “Algumas páginas da História francesa”, “Postos de observações”, “Na despedida” e por último, “Anexos: vários acréscimos” (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 01).⁵ Ao contrário dos demais manuais, este possui algumas imagens.

Já o *Instructions for American Servicemen in Britain*, a sua primeira versão foi em 1942. A cópia que usamos foi publicada pela editora *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford, publicado em 2004, com 31 páginas, idioma em inglês e dimensões 11,4 x 0,9 x 15,2, em formato de livro de bolso. Não possui imagens, é de capa dura, lisa, simples e título escrito em letras maiores em negrito. Pode ser facilmente portado pelo leitor, considerando o tamanho e a facilidade de manuseio.

O manual, *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, também chamado como Guia de sobrevivência para soldados na França, foi produzido em 1944

⁵ Do original: “Why you’re going to France”, “The United states soldier in France”, “A few pages of French”, “Observation Post”, “In Parting”, “Annex: Various Aids”.



pelo Escritório Executivo de Guerra Política (*Political Warfare Executive - PWE*) e emitido pelo Ministério das Relações Exteriores de Londres (*Foreign Office*). Publicado em 2005, possui 56 páginas, dividido em um prefácio e mais 15 capítulos e por último, figuras de sinais de placas de trânsito da Grã-Bretanha. Possui o idioma em inglês e dimensões 11,4 x 0,9 x 15,2, também com formato de livro de bolso, capa dura lisa com o título escrito em letras maiores em negrito. Assim como o manual norte-americano, pode ser facilmente portado, por ser pequeno e de fácil manuseio.

Por último, temos o manual *112 Gripes about the French*, publicado originalmente em 1945, pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos, sendo que a cópia fac-similar que utilizamos foi produzida pela *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford em 2013, com ISBN: 978 1 85124 039 5. Este guia foi complemento do *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, com queixas comuns sobre os franceses, trazendo em tom as possíveis soluções para promover a compreensão entre os soldados.

De início já podemos observar algumas semelhanças nos formatos desses manuais, todos com capa brochura, livros de bolsos, curtos, com uma linguagem de fácil entendimento e muito diretos. As semelhanças não foram coincidências, fizeram parte de uma estratégia política dos Aliados, de um resultado de uma Guerra Moderna, que investiu na propaganda contra o eixo e no fortalecimento das relações entre os países. Porém, alguns questionamentos se fazem necessários para entendermos como estes folhetos fizeram parte de um projeto educacional de formação militar de um tipo de soldado que se integrou numa nova cultura. Observaremos através da documentação, quem era este soldado e quais foram as estratégias usadas pelos Estados britânico e americano a fim de moldar o comportamento destes combatentes dentro de uma nova dinâmica social.

Estes manuais comportamentais mostraram que o Estado idealizava um tipo de soldado que deveria, além de fazer vencer a guerra, passar a imagem do seu país como civilizado. Isso nos levou a pensar que os EUA e Grã-Bretanha fizeram instruções para um tipo de soldado que foi comum durante a Segunda Guerra, o “soldado cidadão”. Ou seja, homens que em sua maioria não eram militares profissionais, mas civis que

Faculdade Pio Décimo/Universidade Federal de Sergipe - 25 e 26 de abril de 2018



tiveram que se transformar em combatentes por conta da necessidade do conflito. Para isso, foram pensadas estratégias educacionais dos Estados Unidos e Grã-Bretanha para instruir os soldados norte-americanos e britânicos.

Inicialmente, observamos que estratégias educacionais foram usadas pelos Estados para tentar fazer o soldado forte não só fisicamente, mas ideologicamente, impondo sua dominação. Afinal, qualquer livro escrito passa por uma produção e intencionalidade, desde o ato da escrita, técnicas e intervenções, como dos revisores e livreiros editores (CHARTIER, 2007, p. 12). Em cada manual, tivemos instruções direcionadas aos soldados enviados para França e Grã-Bretanha. Houve uma preocupação com as diferenças culturais dos países no qual os soldados atuaram, e isso trouxe adaptações nos folhetos.

Observamos nas análises, que uma das táticas usadas para instruir estes soldados era a especificidade, ou seja, as ordens eram adaptadas para o país que o soldado se dirigia. Ao combatente que foi recrutado para Grã-Bretanha, era ensinado que existia uma monarquia, mas que quem governava era o parlamento, demonstrando uma preocupação em explicar que apesar dos britânicos terem reis e rainhas, o poder não estava concentrado nas mãos deles. Instruía que tanto os americanos quanto os britânicos eram representantes da democracia, justamente para que o soldado não criticasse o tipo de governo inglês ou não achassem que eles não representavam a doutrina democrática (WAR DEPARTAMENT, 1942, p. 09).

Havia uma preocupação em lembrar aos soldados dos ideais que estavam em jogo na guerra, afinal, a luta era de regimes democráticos (Estados Unidos e Grã-Bretanha), contra regimes fascistas (Alemanha e Itália) e, para não haver nenhuma divergência quanto a este objetivo, a diferença entre as formas de governo foram exploradas, como podemos ver no manual destinado aos soldados que se dirigiam a Grã-Bretanha:

Embora você leia em muitos jornais e papéis sobre lordes e senhores, a Inglaterra é ainda um dos maiores berços da democracia e também o berço da liberdade americana. Algumas leis e regras pessoais dos reis já estão extintas há milhares de anos. Hoje o rei reina, mas não



governa. O povo britânico tem grande apreço pelo monarca, mas tem retirado dele praticamente todo poder político. Hoje o poder do rei tem sido transferido para o parlamento, o primeiro ministro e seu gabinete. (WAR DEPARTMENT, 1942, p. 12 e 13)⁶.

A História dos países foi outra estratégia usada pelos manuais norte-americanos para afirmar o poder da Grã-Bretanha e, sobretudo, da França, mostrando que os soldados estadunidenses estavam indo lutar juntos, salvar os franceses das mãos do inimigo. Entretanto, mesmo estas nações precisando de ajuda naquele momento, os manuais colocavam lembranças de foram vitoriosas e fortes em muitos momentos para que não houvesse casos de diminuição dos seus esforços de guerra.

A Grã-Bretanha usou de estratégias semelhantes para educar seus soldados, mas adaptadas ao fato de que iriam enfrentar os alemães num território dominado e ajudar na libertação da França. Por isso, a maior atenção do manual foi focada nesse aspecto, em instruir o que o soldado deveria fazer para tomar cuidado num território ocupado pelo inimigo, em pedir união, compreensão e em apresentar quem era a nação francesa antes da ocupação, as suas vitórias em outras guerras e a sua importância para a democracia.

O Estado britânico, a fim de evitar os julgamentos, utilizava como estratégia relatar aos soldados a respeito do sofrimento dos franceses com os cartões de racionamento e as privações por conta da ocupação. A maior parte da população que estava acostumada a frequentar bons restaurantes, após a guerra só podia arcar com as refeições feitas em casa e aqueles que tinham dinheiro, adquiriam produtos no “mercado negro”, ou seja, itens que eram permitidos comprar porque estavam fora dos produtos da lista feita pelo governo.

Aos soldados britânicos, abaixo do tópico “o que você sentiria?”, ordens foram dadas sobre esta proibição: “comprar comida e conseguir coisas no mercado negro

⁶ Do original: “Although you’ll read in the papers about “lords” and “sirs”, England is still one of the great democracies and the cradle of many American liberties. Personal rule by the Kings has been dead in England for nearly a thousand years. Today the King reigns, but does not govern. The British people have great affection for their monarch but they have stripped him of practically all political power. Today the old power of the King has been shifted to Parliament, the Prime Minister, and his Cabinet. The British Parliament has been called the mother of parliaments, because almost all the representative bodies in the world have been copied from it”.



significa privar os pobres de adquirir qualquer alimento, prejudica ainda mais a distribuição normal de rações e a oportunidade de algum tipo de alimento chegar a pobres e crianças⁷” (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 10). Por conta do racionamento, restaurantes franceses ofereciam dois tipos de cardápio, um oficial e outro para o “mercado negro”, correndo o risco de serem multados ou fechados. A prática da compra ilegal acabou sendo comum nos países em guerra e por isso houve alertas para que os soldados dessem o exemplo, como soldados cidadãos que deveriam ser.

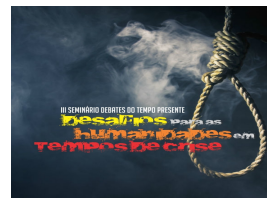
Diante de uma população com ânimo baixo, o manual alertava que os nazistas se aproveitavam para infiltrar suas ideias na França e orientava aos soldados a ficarem alertas contra as intrigas pregadas pelos alemães. Diferentemente do manual norte-americano, o britânico utilizou a estratégia de alertar para o fato que o soldado britânico poderia não ser tão bem recepcionado, mas que ele não deveria se abalar, que apesar da propaganda alemã tentar manipular a opinião francesa, os britânicos e franceses deveriam permanecer unidos:

Devemos retribuir com toda gentileza possível porque eles têm ariscado a vida por nós. E a luta não é só deles, mas de todos que se aliaram contra Hitler. Devemos lembrar que temos uma luta juntos no solo francês e que os cemitérios britânicos são uma lembrança constante do que esses dois países têm sofrido (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 09).⁸

Já o *112 Gripes about the French (1945)*, ao contrário dos manuais produzidos para os soldados enviados à França, foi fruto de um contexto diferente, o que trouxe singularidades. Em 1945, após quatro anos de ocupação alemã, os franceses já tinham sido libertados através da Batalha da Normandia, que teve início em 6 de junho de 1944. Enquanto os outros folhetos foram produzidos para os soldados que se dirigiam

⁷ Do original: “Above all, have nothing to do with any black Market. Whatever the temptation, buying on this simply means that the poor who need food will not get it, and the return to normal distribution will be complicated and delayed”.

⁸ Do original: “Therefore we must repay as gently as possible because they have chanced their lives for us. And the struggle is not only theirs but of all who have allied against Hitler. We must remember that we have a struggle together on French soil and that British cemeteries are a constant reminder of what these two countries have suffered”.



para países em guerra, o *112 Gripes* teve o objetivo de dar soluções às queixas dos soldados americanos em relação aos franceses, no contexto pós-libertação, no momento em que os soldados estadunidenses ainda estavam ajudando na organização do país.

O tom do *112 Gripes* foi totalmente defensivo em relação aos franceses, algo que se repete do *Instructions for American Servicemen in France (1944)*, porém com muito mais ênfase. A própria escolha metodológica, perguntas e respostas trouxe a intenção de ser ainda mais direto, além de reforçar orientações ditas, como: a falta de itens básicos na França, o pagamento de gorjetas nos estabelecimentos, a crítica da moral dos franceses, a pouca modernização do país, entre outros, que mostraram a necessidade do Estado americano em criar este livreto para fortalecer as instruções já dadas e utilizar novas estratégias educacionais para os soldados.

Assim como nos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, o *112 Gripes about the French (1945)* colocou os americanos como libertadores e defensores da democracia, diziam que acreditavam no direito de ouvir e de dar ao outro a oportunidade de mostrar seu ponto de vista. Isso servia para justificar a ideia de que os norte-americanos, “democráticos” como são, dão a oportunidade de ouvir seu aliado e avaliar seu próprio comportamento.

Entre os soldados americanos, o colaboracionismo gerou críticas. Os estadunidenses diziam que não gostaram de ter que lutar com supostos aliados, pois tinham treinado muito para lutar contra os alemães e não para combater franceses (SCHEIJVERS, 1998, p. 41). A reclamação denunciava decepções bem como depreciação em relação ao exército francês, assim como o manual *112 Gripes* mostrou, ao dizerem que os americanos cumpriam seu papel de “libertador”, mas que estavam totalmente insatisfeitos com ajuda dos franceses (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945).

Outra crítica, presente na queixa dezoito, dizia que os franceses haviam abandonado à luta quando ficou dura, ou seja, quando permitiu ser derrotada, e mais uma vez, reclamavam que eles não fizeram nada para ajudar os americanos. Os ianques faziam críticas ao desempenho do soldado francês, realizavam piadas sobre os salários



que era mais baixo ainda do que os dos britânicos, esnobavam por eles usarem roupas emprestadas dos americanos, riam das armas antiquadas e da qualidade das rações recebidas pelos soldados.

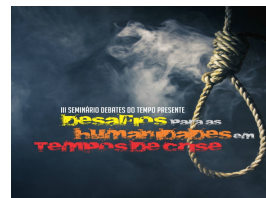
Como estratégia de instrução, o Estado respondeu a essas queixas listando as dificuldades enfrentadas pelos franceses, culpando os alemães, mostrando as vezes que a França auxiliou na guerra, lembrando do “Dia D”, das vezes em que os franceses explodiram dinamites em linhas ferroviárias, no momento que atrasaram movimentos estratégicos da tropa alemã e, também citou a respeito da resistência francesa (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 12).

Assim, observamos que apesar de utilizar uma metodologia diferente, o 112 Gripes tinha o mesmo objetivo dos outros, tentar evitar ao máximo o conflito cultural que pudesse existir entre os Aliados. Na construção desses folhetos, foram utilizadas ferramentas educacionais a fim de tentar com que o soldado adotasse o comportamento idealizado pelo Estado. Estas estratégias incluíram um direcionamento nas ordens, uma clareza nas determinações, o uso da História dos países a fim de elevar a moral, munir os soldados de todo conhecimento possível sobre o país que ele não conhecia e usaram a comparação entre as realidades dos soldados para apresentar o aliado.

O uso da História Comparada nos possibilitou estudar três realidades próximas, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, observando as alianças formadas e nos possibilitou compreender que as muitas semelhanças entre os manuais, a começar pelo próprio formato de livro de bolso e a seleção de conteúdo, fizeram parte de uma estratégia de educação para os soldados pensados pelos Estados americano e britânico. Além disso, o método comparativo nos atentou para as influências mútuas entre os manuais.

Com um estudo isolado, não conseguiríamos observar as analogias entre os folhetos que vieram de trocas entre Estados Unidos e Grã-Bretanha, como fruto da aliança formada para combater o Eixo. Também, dificilmente iríamos perceber as singularidades de cada manual, que ocorreram devido às diferenças entre as culturas.

Na análise desses manuais, compreendemos que estes folhetos fizeram parte de um projeto de educação pensado pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, pois, para cada



país que o soldado foi enviado, existia um manual com especificidades dos costumes do habitante local. Como vimos, foi algo planejado, afinal os Estados poderiam em conjunto criar manuais com orientações gerais de como se comportar num país estrangeiro. No entanto, eles reconheciam que o inimigo era comum, mas a cultura não e por isso se preocuparam com as particularidades.

Assim, concluímos que além de um combatente eficiente militarmente, os Estados tentaram formar o soldado cidadão cosmopolita, aquele que deveria representar a imagem de sua pátria, se adaptar à realidade que era diferente da sua, projetando o comportamento idealizado pelos Estados americano e britânico.

Referências

Fontes

THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE. **Instructions for British Servicemen in France.** London, 1944.

INFORMATION & EDUCATION DIVISION. **112 Grips about the French.** PARIS, Of The US Occupation Forces, 1945.

WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain.** Washington, D.C., 1942.

WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in France During World War.** D.C., 1944.

Artigos e livros

AMBROSE, Stephan. **Soldados Cidadãos: do desembarque do exército americano nas praias da Normandia à batalha das Ardenas e rendição da Alemanha, 7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945.** Tradução: Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Bertrand Brasil, 2010.



BARROS, José D' Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**. Vol. 01, número 01, jun./2007.

_____. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

CASTRO, Celso. **Nova História Militar Brasileira**. Rio de janeiro: editoria FVG, 2004.

CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha modos! Educação e sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900 – 1960). **X Simpósio Internacional: O Processo Civilizador**. ISBN: 978-85-99688-02-1. Campinas, 2007.

CHARTIER, Roger. **As utilizações dos objetos impresso**. Lisboa: Difel, 1998.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma historia dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2011. 1v.

_____. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. 2v.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução: Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

MANNING G. Molly. **Quando os livros foram à Guerra: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial**. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

MAYNARD, Andreza. O uso político dos personagens da Disney e a aproximação Brasil/Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. In: SCHURSTER, Karl; SILVA, Francisco C. T. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial: História e estratégias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua, 2010.

PROST, Antonie. Os fatos e a crítica histórica. In: PROAST, Antonie. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica 2014, p.53-73.



QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra (1939-1945)**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Lourusse do Brasil, 2009.

QUITZAU, Evelise; SOARES, Carmen Lúcia. **Um manual do século XVIII: culto à natureza e educação do corpo em Ginástica para a Juventude**, de Guts Muths. Revista Brasileira de História da Educação, v. 16, n. 1. Janeiro/Março, 2016.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **Americanidade, Puritanismo e Política Externa: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas de política externa norte-americana**. São Paulo: USP, 2009.

RIDING, Alan. **Paris – A Festa Continuou: A vida cultural durante a ocupação nazista (1940-4)**. Trad. de Celso Nogueira e Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **Americanidade, Puritanismo e Política Externa: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas de política externa norte-americana**. São Paulo: USP, 2009.

SCHRIJVERS, Peter. Part II: The Soldiers. In: **The Crash of ruin: American combat soldiers in Europe during World War II**. U.S.A.: New York University Press, 1998, p. 29-49.

TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. IN: MAGNOLI, Demétrio. **Histórias das Guerras Org. História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011.